

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

SEMÁNARIO REPUBLICANO DEMOCRÁTICO

Redacção, Administração, Composição e Impressão

PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR=LYSTER FRANCO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Editor e Administrador—Lyster Franco

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

O NOVO GOVERNO

Organisou-se no dia 29 de Novembro, apresentando-se logo ao Chefe do Estado, o novo governo da Republica Portugêsa, que ficou assim constituído:

Presidencia e finanças, Dr. Afonso Costa—Interior, Dr. Almeida Ribeiro—Justiça, Dr. Catanho de Menezes—Estrangeiros, Dr. Augusto Soares—Guerra, Norton de Matos—Marinha, Vitor Hugo de Azevedo Coutinho—Fomento, Antonio Maria da Silva—Colonias, Rodrigues Gaspar—Instrução, Frederico Ferreira Simas.

O MINISTÉRIO APENAS FARÁ POLÍTICA NACIONAL



DR. AFONSO COSTA
Presidente e Ministro das Finanças do novo Governo

O que disse o sr. dr. Afonso Costa ao tomar conta do mandato de presidente do ministerio

A orientação politica do novo governo foi já ontem por assim dizer explanada pelo seu chefe, o nosso illustre amigo e eminente estadista sr. dr. Afonso Costa. Disse s. ex.ª respondendo ás palavras do sr. dr. José de Castro, a que noutro logar nos referimos, que se o governo cessante não resolveu completamente os varios e graves problemas que affectam nesta hora a vida portugêsa, foi porque não podia resolvê-los no espaço de tempo em que a sua acção se exerceu. Mas a verdade é que ele facilitou muito a obra do governo que acaba de se constituir. Porquê? Porque procurou acalmar as paixões, exercendo uma influencia pacificadora na sociedade portugêsa. Este novo governo, a que o orador tem a honra de presidir, empregará todos os esforços no cumprimento do mandato que o Congresso lhe conferiu.

Esse mandato está expresso na moção que a Camara dos deputados aprovou.

Não tratará de fazer politica partidaria, por mais legitimos que sejam os interesses do partido que ele representa. Mas entende o orador que, na hora que atravessamos nenhum partido tem o direito de desprezar as exigencias da vontade colectiva para cuidar apenas de satisfazer as suas aspirações. Não. A vontade colectiva traduz-se rigorosamente numa concepção exata das dificuldades que atravessamos. E' preciso respeitá-la, cumprindo as suas indicações.

O novo governo não fará politica partidaria; só se inspirará nos ideais patrióticos e republicanos

Entendeu a maioria parlamentar que tinha chegado mais uma vez a

hora de se encontrarem no poder representantes de todos os partidos, conjugando os seus esforços e as suas inteligencias no objectivo comum do engrandecimento da Patria e da defesa da Republica.

Impunha-se, de facto, arredar de vez todos os conflitos de character partidario por intempestivos e inoportunos. Era preciso estabelecer uma atmosfera na qual não pudessem surgir pequeninas questões, muitas vezes de aspectó «caseiro», insignificantes, mas que assim mesmo perturbam a marcha dos negócios publicos.

Não era para diminuir ou enfraquecer as suas responsabilidades que o Partido Republicano Portugêz indicava a necessidade dos outros partidos cooperarem tambem na acção cooperativa, nem para se furtar á obrigação de quaesquer compromissos, porventura tomados. Talvez a constituição de um governo nacional aumentasse ainda as responsabilidades daquele partido.

Mas era indispensavel que a nação inteira, de norte a sul, pudessem adquirir a convicção de que tinha passado a hora das retaliações e que todos procuravam apenas colaborar com amor e com interesse no prestigio da Patria e da Republica. Erisa novamente que o actual governo só se deixará inspirar por ideais patrióticos e republicanos, empenhando toda a sua acção em minorar as dificuldades que o conflito europeu acarretou á nacionalidade portugêsa.

Podem essas dificuldades aumentar, de um momento para outro, até pela marcha da nossa politica externa? Certamente. E nesse momento mais se imporá então, como de inadiavel vantagem, a constituição de um governo de character nacional. Será a união sagrada dos portugêses em em volta da ban-

Dr. Joaquim da Ponte

Acaba de ser transferido do logar de Conservador do Registo Predial de Faro para o de Loulé, na vaga do dr. Ataíde de Oliveira, o sr. dr. Joaquim da Ponte, illustre Governador Civil deste distrito.

Esta transferencia foi muito bem recebida por todos os louletanos, devido ás grandes simpatias que s. ex.ª conta em todo o Algarve e especialmente no concelho de Loulé.

deira da Patria e da Republica.

Chegada essa hora, reconhecida por todos os republicanos essa necessidade, o actual governo da melhor vontade se prestará a receber a colaboração alheia, provando assim as desinteressadas e patrioticas intenções que o animam.

Serão aproveitadas todas as energias da vida nacional e encaminhadas no sentido da maior prosperidade da Patria

Antigamente quando um governo se constituia julgava-se ainda a ocasião para expansões de contentamento, para festas, para alegrias. Hoje, a hora, se não é para angustias, é no entanto de recolhimento, de anciedade, de estudo profundo das possibilidades que o governo terá de encarar como susceptíveis de immediata realisação: Bem sabe o orador que se encontra num logar de trabalho arduo e de pesadas responsabilidades. Ha de encarar-las de frente, para as procurar vencer, contando com a dedicação, com a intelligencia, com o saber de todos os seus colegas.

Não pensa realizar maravilhas, porque ninguém as pôde realizar. Mas acompanhando de perto as manifestações da vontade do povo, está convencido de que realizará a sua missão patrioticamente.

Ha de saber aproveitar todas as energias da vida nacional, encaminhando-as no sentido da maior prosperidade da Patria, que tem de sair mais forte e mais gloriosa de todas as dificuldades que nos trouxe o conflito europeu. Assim juntamente com a questão externa, o governo não descurará os problemas economicos e financeiros. Affirma seguidamente a sua convicção de que o país, de norte a sul, sabe que o governo vae realizar uma obra indispensavel e útil. Os proprios adversarios do Partido Republicano Portugêz o reconhecerão no fundo da sua consciencia, sejam quaes forem as palavras com que recebam a sua subida ao poder. Fiadores dessa obra são os nomes que o constituem e que são de pessoas que á Republica tudo tem sacrificado.

Termina erguendo um caloroso viva á Republica, entusiasticamente correspondido.

(Do Mundo de 1 de Dezembro)

Cronica citadina

O PRIMEIRO DE DEZEMBRO

Mais um aniversario da gloriosa revolução de 1640, que nos restituiu a cubizada independencia de Nação livre, passou quasi despercebido em Faro.

Howe, é certo, alvorada, cortejo e recita de gala, tudo promovido pela «Briosa Liceal Citadina», mas estes tres componentes de uma festa, que bem poderia ter sido imponentissima, fálharam na sua quasi totalidade.

A festa tradicional da Academia... A alvorada é crível que tivesse sido boa e a recita... optima. Diz se que de noite todos os gatos são pardos... O cortejo... esse, ouvimo-lo de longe. Assim tem sido sempre desde que a Academia... leia se: os alunos do liceu—se desabitou da praxe tradicional de cumprimentar a Imprensa, praxe, que, a falar a verdade lhes não ficava mal de todo...

Mas...—Ha sempre um amas salvador.—Dizem-nos que os mocinhos esquecem propositadamente a Imprensa só para evitarem comparecer diante d'Elle, ostentando a velha bandeira monarchica da Academia...

Coiitados! «Tem vergonhinhas», como dizia o Geraldo...

A CHUVA

Ouvís o ritmo cantar da chuva? Como é inexplicavelmente triste! Dir-se-ia que saudosas ninfas, envoltas em mantos de gazé cor de perola, pairam nos ares, entoando misteriosos canticos feitos de sentidas preces...

Que extraordinaria evocação de recordações! Como é triste!...

Vêde as caprichosas formas que as gotas de agua vão estirritando nos largos vidros das amplas janelas, e dizai-me se todo aquele constelado conjunto não recorda em seus indefiníveis e caprichosos contornos, as decantadas grutas, plenas de stalactites brillantissimas, onde habitam invisiveis silfidias...

Olhae o vosso jardim... atenta nas vossas florinhas... vêde como a agua do céu as desfolha, deixando apenas intacta a «Sandade», a de maior significação de todas... Oh! Escutae, escutae o ritmo cantar da chuva!...

LYSTER FRANCO.

A semana politica

Lisboa, 3 de Dezembro

Em volta do novo governo desenvolvem-se as mesmas intrigas e as mesmas ambições que acolhem todos os governos que chegam.

Os pretendentes, reproduzindo o af-

che conhecido da Emulsão de Scott, em que numerosas crianças rodeiam uma nurse que empunha o frasco do medicamento tonificante, agrupam-se na arcada com olhares que pedincham, gestos que imploram e expressões que enlamecem as próprias pedras pombalinas, ainda que o programa ministerial não seja de molde a alimentar esperanças com a sua categorica afirmativa de que só se farão as despesas imprescindíveis.

E' cedo ainda para fazer prognósticos de qualquer especie. O governo só tem dias de existência e por ora, ao seu redor, só vê o sorriso amavel com que se recebem os parentes da provincia, que nos trazem presentes e de quem se espera que não se tornem incomodos.

Semana fraca.

Feliciano Santos.

Crónica da Capital

AQUI E ACOLÁ...

(Pó da vida)

Noites de Lisboa

Claro que o labor do dia, exgotante na maioria dos mistêres, convida, impulsiona-nos, ao entre-mostrar-se a noite, ao repouso, á distracção, a entretenimentos que nos levem para longe a lembrança das horas que se esmoeram, por necessidade, por obrigatoriedade; desde que o sol se espantou. Pelo que toca, bem de ver está, aos viventes laboriosos; que os outros...

Pois é verdade. As noites de Lisboa são já menos tediosas; agora que o inverno vem de surgir, lacrimoso e friorento. Os teatros escancararam as portas, excluindo o «Republica» que as chamas devoraram e os artifices se aprestam em reedificá-lo. E até S. Carlos, no domingo se abre de novo para a audição, sempre consoladora dos concertos de Blanc.

Dahi o haver muito onde as longas noites se passem, embora este muito, em rigor se não deva compreender por bem. Deve registrar-se que nesta quadra de teatros tem estado duma frequencia muito lisongeira, nada comparavel com a do anno sumido, não obstante os animatogramas, essas flores de todo o ano, enxamearem esta capital.

O «Nacional» parece que, ao presente uma boa estrela, o carapinha. Já lá não iam ha muito, cremos mesmo que o anno passado lá nos não perdemos. Fomos lá em principios desta semana atraídos por uma comedia (no nosso entender farça) *D. Perpetua que Deus haja* por a sua acção se desenrolar no Algarve, no dizer do auctor, e nós, apesar de velhos inda sermos affectados dum certo fervor regionalista. O teatro estava cheio... como um ovo. O auctor da peça sr. Chagas Roquette, que só de nome conhecemos, viveu no Algarve cremos que nos seus verdes annos, não sendo d'ahi natural como me haviam dito.

D. Perpetua não nos desagradou, sendo o desempenho cuidado. É um original português, não duma factura impeccavel, mas onde ha salpicos de espirito que fazem gargalhar, nestes conventivos tempos em que até o riso subiu de preço, tal é a crudelidade da carnificina a que de longe vimos assistindo, onde se degladiam poderios e as ambições fervem em cachão...

E porque é *D. Perpetua*, a finada tia-sinha de Monchique de quem Belchior recebeu umas maçãs... da Junta do Credito Publico, um original luso mais para registo é a affluencia de espectadores que vem canalizada para «O Nacional». Não é talvez, não deveria ser, queria eu dizer, aquele o tablado onde a engraçada farça deveria luzir, mas uma vez lá o publico todas as noites se defronta com o Belchior, a Carminho, o Goes, eleição arco-iris e farta se de rir.

Volveremos a ver a farça do sr. Roquette e mais demoradamente a ela nos hemos de referir, visto lá vermos alumiar os tranways do Algarve, e nos falarm da ridente Tavira, de Monchique, de Portimão, não tendo consagração o deslumbrante illuminador da estação ferrea de Faro... porque o auctor decerto ainda não admirou com pasmo.

Pois é verdade. As noites lisboetas estão menos tediosas, com os teatros abertos, os cafés empilhados de politicos, as ceias do maxime e... os chuveiros que nos ensopam.

Em seara alheia

Mondando

O grande naturalista do seculo XVIII, Linneu, cognominou Portugal, por causa da flora peculiar e opulenta deste pais:—a *India da Europa*. Por sua vez, o Algarve pôde reivindicar a honra de ser chamado a *India de Portugal*. Em rigor, o Algarve é um vasto oásis africano, separado do continente fronteiro pelo cataclismo que abriu o estreito de Gibrar-

tar. Oásis sem deserto, limitado por um rio, uma serra e pelo mar; embora a tristeza elegiaca do deserto reime ali, com maior grandeza, nesse mar e naquelas montanhas—*Fernando Leal*.

—A musica, pelo seu enorme poder de absorpção, tem alguma coisa da famosa *pieuvre* de Victor Hugo. Ela é a sonora esponja de que a nossa alma é a subtilissima agua. Aspira nos, sorve nos, apodera-se inteiramente e absolutamente de nós, por forma tal que o nosso espirito não é mais que um sonho extatico boiando pelo oceano dos sons. —*Luiz Bolelho*.

—A litteratura, que tende a ensinar, a corrigir, a litteratura util; aquella que consigo leva o facho de luz intellectual, que rasga as trevas, e, como o sol, faz surgir o dia, aquella que guia e impelle a sociedade para o seu estado perfeito, fisico e moral,—essa é o pão do espirito, que vivifica, alimenta, corrobora—*Oliveira Martins*.

JOÃO DO AREM.

A Instrução Primaria na Cereia de Faro

Do nosso prestimoso corteligionario sr. Francisco Ambrosio da Silva, muito digno Inspector do Circulo Escolar de Faro, recebemos o seguinte comunicado que muito gostosamente publicamos:

«Ex.^{mo} Sr. Director e meu presado amigo:—Permita-me V. Ex.^a a publicação das seguintes linhas:

Fui procurado por uma comissão de professores de todo o circulo, que se ma-

nifestou ressentida por não ter eu ainda respondido ao apelo feito pelo meu amigo e illustre professor do Alportel, o sr. Sebastião Ferreira, no jornal o «Sul» de 7 de Novembro, acerca das apreciações feitas no «Heraldo» de 11 de Setembro, e no «Mundo» de 18 de Outubro, sobre o professorado deste circulo.

Devo dizer a V. Ex.^a que desconhecia a existencia desse artigo, e que exclusivamente por esse facto não respondi, como seria o meu dever de cortesia. Por isso e pela consideração que individual e colectivamente me merecê a nobre e prestimosa classe do professorado primario deste circulo, eu não me poderia eximir ao cumprimento desse dever.

Igualmente me foi feito sentir o desgosto de que a classe estava possuída por eu não ter acorrido em sua defeza. Não o fiz, porque varios professores se antecederam a fazê-lo, uns em seu nome, outros coletivamente, e visto que este facto se deu, desnecessaria se tornava a minha acção neste sentido.

Mas visto que se apela para a minha lealdade e sinceridade, qualidades que me ufano de possuir, eu, sem fazer referencias pessoais, tenho muito prazer em declarar de um modo geral, que o professorado deste circulo cumpre o seu dever, empregando os seus melhores esforços em satisfazer as indicações desta Inspeccção, cada um conforme as suas forças, tendo assim desaparecido algumas deficiencias que havia numa ou noutra escola, e que pessoalmente todos são dignos de consideração e estima.

Creio ter assim prestado justiça a quem a merecê.

Agradecendo mais este obsequio confessa-se

De V. Ex.^a Mt.^o Vdor. Obgdo
F. Ambrosio Silva.

ACTUALIDADES

O Instituto Arqueologico do Algarve

o a opinião de um «Algarvio»

Ex.^{mo} Sr. Redactor: Um cantinho do seu bem redigido «Heraldo» para um pequenino feixe de considerações acerca do Instituto Arqueologico do Algarve, a proposito do qual recorto da «Provincia do Algarve» de 21 do mez passado a seguinte substanciosa noticia:

O *Diario do Governo* n.^o 231, 1.^a série, de 11 do corrente, inserto o diploma de organização do Instituto Arqueologico do Algarve, anexo á *Academia de Ciências de Portugal*.

O novo Instituto que está destinado e prestar serviços importantes á *Ciencia*, deve-se principalmente á fecunda iniciativa do nosso distinto comprovinciano sr. dr. Antonio Cabreira, como já em tempo aqui registamos.

No ultimo domingo, precisamente á hora em que a *Academia* inaugurava o anno academico, no salão nobre da Camara Municipal de Lisboa, efectuava-se, na sala das sessões da Camara Municipal de Faro, a primeira reunião preparatoria do Instituto Arqueologico do Algarve. Assistiram os socios fundadores, srs. dr. Justino de Bivar Veinholtz, presidente da Comissão Instaladora; dr. Ataíde de Oliveira, dr. Rodrigues Davim, dr. Fernandes Lopes, dr. Teixeira Guedes e Sebastião José de Costa, tendo justificado a sua falta os srs. Pedro Judice e Manuel João Paulo Rocha.

Resolveu-se: que, na sessão inaugural, que deve realizar-se em fins do proximo dezembro, varios socios profram discursos—conferencias sobre *Arqueologia* e a *Historia do Algarve*; sauda a *Academia*, na pessoa do Secretario perpetuo; prestar homenagem aos academicos que assistam a essa sessão; e nomear o sr. dr. Rodrigues Davim para dirigir os trabalhos na ausencia do sr. presidente.

A *Provincia do Algarve* pôe á disposição do Instituto Arqueologico do Algarve as suas colunas, honrando-se com receber e publicar os seus comunicados, registando hoje o diploma da sua criação que, conforme a publicação na folha official, é do teor seguinte:

Tendo em vista a deliberação tomada pelo Conselho Superior de Belas Artes, em sua sessão de 10 de Julho do corrente anno: hei por bem, sob proposta do Ministro de Instrução Publica, decretar que na cidade de Faro seja criado um Museu Regional de Arte e Arqueologia, constituído pelo actual recheio do Museu de Monsenhor Boto, devendo, de futuro, esse Museu ser instalado no edificio do extinto convento de S. Bento, da mesma cidade.

O Ministro de Instrução Publica assim o tenha entendido e faça executar. Dado nos Paços do Governo da Republica em 6, e publicado em 11 de Novembro de 1915.—*Bernardino Machado*—*João Lopes da Silva Martins Junior*.

O particularissimo atrativo que se prende ás investigações cujo fim é descobrir os primeiros vestigios deixados pelo homem, o interesse filosofico das questões que taes descobertas levantam, explicam o desenvolvimento consideravel que os estudos de arqueologia preistorica tem tomado em um numero de annos relativamente restrito.

O Algarve, habituado como está, graças ás poliptidões dos seus filhos, a marchar na vanguarda dos povos para as conquistas da *Ciencia*, não podia nem devia ficar de braços cruzados.

Ha pouco mais de meio seculo que em todas as regiões do globo as observações se multiplicam; por toda a parte o sólo tem sido revolvido e explorado,

decifradas e lidas as inscrições, catalogadas as moedas, etc., etc.

Monumentos, cuja origem e destino eram desconhecidos, tem sido objecto de aturados estudos. Em todas as cidades, tem sido organizadas collecções que dia a dia se enriquecem por dadas officias e particulares; fundam-se sociedades especiaes e o numero dos estudos e das publicações respeitantes a este ramo da *Ciencia* aumenta sem cessar.

Graças a todos estes elementos, breve chegará uma epocha em que nós todos haremos de conhecer, de uma forma precisa e categorica, as primeiras idades da humanidade e as diferentes fases que esta tem percorrido.

Nesse momento é evidente que, perdida a razão de ser dos chamados tempos preistoricos, estes vão ficar sob o dominio directo da *Historia* e por tal motivo facilmente abordaveis pelos estudiosos.

Mas—Perguntava eu aos meus botões—quando virá esse almejado momento? Quando?—Muito em breve, de um instante para o outro, «num ar», como diriam os rapazes do meu tempo, a quem a geada dos annos já vai polvilhando a cabeça.

Muito em breve!—Disse-mo a «Provincia», nesta sua fase dogmatica:

«O novo Instituto que está destinado a prestar serviços importantes á *Ciencia*, deve-se principalmente á fecunda iniciativa do nosso distinto comprovinciano, sr. dr. Antonio Cabreira, como já em tempo aqui registamos.»

E muito em breve porque, como é publico e notorio, já iniciou as suas funcções o famoso Instituto Arqueologico do Algarve, devido á iniciativa exhibicionista—eu sempre gostei de chamar as coisas pelos seus nomes,—do nosso allis prestimoso patricio Antonio Cabreira.

Não falta quem pretenda ver no novo Instituto uma tentativa embrionica semelhante á malograda sucursal do «Instituto 19 de Setembro», que floresceu em Tavira, ha um bom par de annos, mas a maioria, justo é dizê-lo, considerá-o apenas como um apendice inutil á *Academia de Ciências de Portugal*.

Pessoalmente, eu, sempre disposto por um natural principio de justiça a prestar homenagem ao estudo, intelligencia e ao merito, e fazendo justiça ás inoffensivas intencões dos neo arqueologos no meados pela arguta sagacidade científico—arqueologica do sr. Justino de Bivar—daqui os saúdo com aquella profunda veneração e respeito que tem justas fronte encanecidas nos honestos labores da *Ciencia*.

Sim, senhor Redactor, agora estamos felizes, ditosissimos.

As agremiações científicas deslumbradas, espavoridas, já os respectivos conductos auditivos externos.

Porquê? É simples. E será ainda a «Provincia» a responder a esta interrogação que todos nós, os profanos da

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

A VIRGEM DA GAMELIA

(A CESARIO VERDE)

*Eu não sei bem que existe de divino
Nessa fronte serena e cismadora;
Emoldura-lhe o rosto peregrino
Em graciosos aneis a trança loura.*

*Descobre um fio de pérolas tão fino,
Gotas de orvalho em rosa encantadora,
Seu meigo humido labio purpurino,
Como um fruto vermelho que o sol doura.*

*O colo avejudaado, que escurece
O branco lirio, ondula e estremece,
Como arja de cansaço o seio da ave.*

*E a chama desse olhar incerto e vago
Tem a luz melancolica, suave,
De um rato de luar no azul do lago.*

COELHO DE CARVALHO.

Ciencia arqueologica, ousamos formular a medo.

Diz a «Provincia»:

«Resolveu-se: que na sessão inaugural, que deve realizar-se em fins de dezembro, varios socios profram discursos—conferencias sobre *Arqueologia* e *Historia do Algarve*.»

Agora sim! Principiamos a ser um povo culto.

Lá fóra, se bem me lembro, num Congresso Arqueologico em Paris, o abade Bourgeois apresentou pela primeira vez os sílex miocenos de Thenay, originando assim a celebre questão do homem terciario.

Analise, veja, sr. Redactor, quanto es se gesto é mesquinho, se por acaso o compararmos «ao muito gosto e fina arte» com que o sr. dr. Justino de Bivar, presidente nato e gerador dos neo arqueologos algarvios, grupou os objectos do barralho Museu!

E, atente! Onde vão ficar as sábias explicações de Steenstrup e de Warsaew sobre os kjækkenmøddings, e esses destroços de cosinha deixado sobre as margens do Leland, pelos pobres pescadores da idade da pedra polida, quando, por exemplo qualquer neo-arqueologo, que seja dado ás Musa, valendo-se dos seus inapreciaveis recursos poeticos, se lembrar de compor uma ode ou um soneto em honra, dos utensilios de sílex ou de uma calote craneana de Neanderthal ou de Cro-Magnon! Onde vão ficar os trabalhos de Carti-

OS QUE MORREM

Dr. Ataíde Oliveira José Fernandes Guerreiro

Loulé e, sem duvida, todo o Algarve, acaba de perder com poucos dias de intervalo, dois dos seus mais diletos filhos. A impressão de pesar que a infausta nova tem produzido em toda a provincia, demonstra bem a estima, consideração e respeito que lhes eram tributados. E, incontestavelmente mereciam-no porque, além dos seus inextinguíveis predicados moraes, ambos eram trabalhadores infatiga-



José Fernandes Guerreiro

veis, embora em ramos diversos. Ataíde Oliveira dedicando-se, num labor constante de annos, ás letras, tendo produzido bastantes obras, das quaes sobresaem as suas monografias, que são indubitavelmente um trabalho precioso de investigação historica do nosso querido Algarve; Fernandes Guerreiro, distinguindo-se, neste meio onde quasi sempre os grandes empreendimentos falham, no alto commercio, de tal maneira que, tendo começado humildemente, conseguiu, após arduos

lhac, Chantre, Mortillet e Carlos Ribeiro—Ora valha-nos Deus!

E aqui á puridade, sr. Redactor, não teria sido muito mais interessante, muito mais animador para todos os que bem querem: a esta linda provincia do Algarve, ver os neo-arqueologos iniciarem os seus trabalhos com estas duas coisas: bem simples:

Recusando, por modestia, que não por incompetencia, a carapuga de arqueologos, que o sr. Justino de Bivar se obstina a enterrar-lhes na cabeça, e dizer, em segredo que fosse, lá para Lisboa, aos engendradoures de todas estas endrôminas, que o «Museu Monsenhor Boto» nunca existiu, e que deve por isto estar tão cheio como a caixa craneana de muitos dos meus patricios que, tendo sempre usado colarinhos altos, julgam por isso a respectiva frente mais facilmente predisposta e acessivel ao resplendor aureolante da Fama.

Terminarei este desprezencioso artigo com duas palavras acerca do meu amigo Ataíde de Oliveira, cujo falecimento muito me compungiu.

Apezar de não haver sombra de arte nas suas copilações, e da sua prosa ser retintamente fradesca, não se pôde negar que foi um investigador consciencioso, e um grande amigo da sua provincia.

A sua obra vale por tais qualidades. Agradecendo a hospitalidade, sou

De V. Ex.^a etc.

UM ALGARVIO.

anos num incessante trabalho, tornar-se um dos principaes comerciantes portu-gueses e dos mais acreditados no estrangeiro.

Os seus importantes funeraes, em que se incorporaram milhares de pessoas de todas as categorias sociaes, poseram bem em evidencia a afeição que todos os louletanos lhes dedicavam.

Fizeram-se representar o Ex.^{mo} Governador Civil do Districto, dr. Joaquim da Ponte, pelo dr. Marreiros Neto, digno Deputado da Nação e as Camaras Municipaes de Faro e Loulé, pelo Presidente desta ultima, dr. Francisco Xavier Candido Guerreiro, no funeral do dr. Ataíde Oliveira. Igualmente no do sr. José Fernandes Guerreiro, por lhe ser tambem impossivel assistir, o illustre Governador Civil de Faro, fez-se representar pelo seu secretario particular, nosso amigo e corteligionario sr. Humberto José Pacheco.

A's Ex.^{mas} familias dos illustres extintos as nossas sinceras condolencias, especialmente aos nossos amigos Manuel Fernandes Guerreiro, comerciante em Faro, José da Costa Guerreiro, digno vereador da Camara de Loulé, José Mendes Cabeçadas, heroico capitão tenente da Armada e José Bernardo Lopes, illustre clinico de Loulé.

D. FRANCISCO XAVIER D'ATAÍDE OLIVEIRA

E' com o coração confrangido da mais intensa e crúciante dor, que eu venho hoje prestar a derradeira e sentidissima homenagem ao mais erudito e fecundo investigador historico que todo o Algarve carinhosamente venerava—O dr. Francisco Xavier d'Ataíde Oliveira!

E' com a fronte curvada ao peso de tamarha angustia, medindo resignado a minha luta, que eu peço na pena, ainda tremulo de amargura, para te falar á eterna despedida—dizer-te que me sinto possuído da maior desolação e magua!

E eu, que só tardiamente soube do teu prematuro e infausto passamento, que não me consentiu abraçar-te pela ultima vez, de longe, deste canto obscuro e humilde,

onde caem lagrimas da mais pungente saudade; farei entretecer uma coroa de perpetuas e de lirios, para com ela esmaltar o pedestal da cruz sacrosanta que te vela, piedosa, o sono profundo na paz do sepulcro!

Está de luto, todo o Algarve, que ele amava com a mais sublime e patriótica abnegação, e as letras patrias, que acabam de perder, um seu filho dilectissimo e illustre, cujo cerebro pujantissimo produziu obras de tal importancia, que o seu nome impoluto e querido, ficará para sempre gravado a letras de ouro, do mais fino quilate, nos annaes da nossa gloriosa Historia! Dentre ellas citarei os «Contos Infantis» (para os dois sexos) impregnados de tal doçura e mimo, que prontamente se exgotaram as suas edições; «As Mouras encantadas» volume delicioso e de encanto; «Contos Tradicionaes do Algarve» regionalismo puro de peregrina beleza; «Biografia de D. Francisco Gomes»; «Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve»; «Cancioneiro e Romancero do Algarve» de capital importancia, tratado com o mais acrisolado amor; e por ultimo as suas valiosas e incomparaveis «Monografias» sobre o «Algós», «Loulé», «Olhão», «Alvôr», «Vila Real de Santo Antonio», «S. Bartolomeu de Messines», «Padernes», «Estombar» e por ultimo «Porches» tendo tambem deixado em preparação—Apostamentos para a Historia da Ordem Terceira de S. Francisco, de Loulé, desde a sua origem até nossos dias, e finalmente a «Monografia da Luz de Tavira» obra de profunda investigação, por assentar no aro, dessa freguezia á antiga «Balsa dos Romanos» e que era captivante e genialmente dedicada a minha querida filha mais velha, Rosa Angelica.

E para terminar visto que o pranto me inunda as faces, e as mãos tremem-me nervosamente, eu que fui sempre um teu modestissimo mas persistente colaborador e amigo dedicadissimo, juro-te solenemente que jamais a tua memoria será olvidada.

Mexilhoeira da Carregaçao, 26 de Novembro de 1915.

Antonio Juççe Magalhães de Barros.

José Maria Pacheco

Passou no dia 1 do corrente o primeiro anniversario da morte do distinto aluno da Escola de Guerra José Maria Pacheco, filho do nosso saudoso amigo José de Azevedo Pacheco, grande influente politico de Loulé, e dilecto irmão do nosso presado correligionario sr. Humberto José Pacheco, digno secretario particular de S. Ex.ª o sr. Governador Civil.

Muito inesperadamente, victimado por um lamentavel desastre, que ceifando-lhe a existencia em plena mocidade, destruiu as mais caras esperanças de sua extremosa familia, que o via iniciando já o trilho de um futuro brilhantissimo, o seu passamento impressionou vivamente quantos o conheciam, porque conhecem o mesmo era que ficar-se para sempre captivado pelos requintes de cavalheirismo da sua bela alma e do seu nobre caracter.

Como professor e amigo que fomos do indito moço, aqui consagramos estas singelas palavras á sua memoria, acompanhando a sua illustre familia nesta hora de saudade.

O CERZIDOR "ZENITH" Para passar ou pontear meias, roupa branca e de cor, et, pois não ha nada mais rapido, perfeito e facil. Aplica-se a qualquer maquina de costura. Preço 700 réis. Pelo correio mais 100 réis. Depositario em Faro—M. F. Costa (LOJA DE LISBOA).

A comemoração do 1.º de Dezembro em Faro

A tradicional festa da Academia Farense, comemorativa da gloriosa revolução do 1.º de Dezembro de 1640, revestiu este ano grande luzimento em Faro. Além dos numeros propriamente organizados pelos alunos do liceu, tais como alvorada, cortejo e recita de gala, realçou-se na Escola Normal desta cidade, promovida por uma comissão de alunos, uma brilhante sessão que deixou muito bem impressionada toda a assistencia tão numerosa como selecta.

Abriu a sessão a tuna que, sob a habil regencia do professor sr. Areia, executou o hino da Restauração. Seguidamente o sr. João Rodrigues Aragão, digno director da Escola, convidou para presidir á sessão o coronel sr. Francisco Augusto da Costa Martins,

brioso comandante do regimento de infantaria 4, o que todos os assistentes muito aplaudiram.

A seguir a aluna D. Maria Vitoria Infante executou distinctamente ao piano A Favorita (morceau de concert).

Depois fez uso da palavra o sr. Rodrigues Aragão, que num bem elaborado discurso elucidou a assembleia acerca do alto civismo e da importantissima significação da festa, que se estava realisando, enaltecendo devidamente os principaes vultos da nossa historia tão fertil em lances de incomparavel heroismo e de imponente abnegação.

Muitos aplausos sublinharam as palavras do illustre conferente, seguindo-se a recitação de uma poesia de Guerra Junqueiro pela aluna D. Georgina do Carmo Godinho, e a linda valsa «Nid d'amour», de Waldteufel, primorosamente executada ao piano pela sr.ª D. Maria Vitoria Infante e pelo professor sr. Areia, que obtiveram calorosos applausos. Tambem foi muito applaudida a aluna D. Rosa da Assunção que recitou distinctamente a linda poesia «A nossa Patria».

Depois, a sr.ª D. Aurora Belmonte executou a balada «A Montanha», fazendo, a seguir uso da palavra, o aluno normalista, sr. João Basilio Neto Corrêa, que obteve geraes e calorosos applausos ao pronunciar o seguinte discurso:

Minhas, Senhoras e Meus Senhores:

A tempestade que ruge no mar e encapela a vaga procelosa cobrindo a praia de espuma bramidora.—A terra que se fende abalada nos seus fundamentos pelo violento sacudir do cataclismo cósmico; a nuvem que se rasga e fusilando despeja o raio que fulmina, são impoentes para extinguir na memoria dos povos o sentimento da sua tradição heroica; são incapazes de apagar no coração dos portugueses a calenda heroica na sua restauração.

Por entre o espelho limpo da historia vemos hoje outra data memoravel que se radicou e gravou com letras de ouro no nosso coração.—1.º de Dezembro de 1640 e 5 de Outubro de 1910—enlaçando se na mesma grinalda marcam na historia portuguesa os miliarios da nossa liberdade.

São os florões do escudo com que Portugal armado e combatendo em epochas tão diferentes, reivindicou a sua liberdade.

Apregoadas na ponta do florete do fidalgo D. Miguel de Almeida ou na plebeia espada do povo tem ella o mesmo valor. Firma sempre a independencia de um povo que quer viver e que em tempos idos muito lutou pelo engrandecimento da Europa.

A celebração da restauração de Portugal revive hoje com maior fulgor no nosso coração patriota; esquecida por tempos esta data gloriosa, este facto imortaldouro da historia da Patria, foi arrancada do olvido pela mocidade academica que modernamente dela faz o padrão da sua educação cívica.

Na mente dos portugueses desenha se com o entusiasmo de então a cena heroica do dia 1.º de Dezembro. Ali, senhoras, no Terreiro do Paço subindo a escada de tropel, um grupo de fidalgos velhos e novos, mas todos impelidos pelo santo amor da Patria, num momento tiraram um rei e puzeram outro, e o povo bramindo da cólera viu esfusiar no espaço o cadaver de Miguel de Vasconcelos que veio cair-lhe aos pés inane e fulminado pela justiça castigadora da sua traição.

E assim Portugal sacudindo as cadeias que o prendiam em cativo de 60 anos, ergueu a cerviz para a aurora da Liberdade. E assim para a despotica Hespanha que dormira o leão adormecido, ruiu por terra o castelo do seu despotismo e Portugal foi livre e livre será para sempre este rincão abençoado, berço de heroes que assombraram a antiguidade.

Viva Portugal! Viva a Patria Liberta!

Rêve d'un Ange, noturno, seguidamente executado pela sr.ª D. Lucinda Cabrita, a poesia «Heróis», pela sr.ª D. Adelina Xavier e o intermezo «Loim du Bal, pelas alunas D. Maria Mascarenhas e D. Lucinda Cabrita, tambem obtiveram applausos.

O mesmo succedeu ao discurso do aluno J. J. Seixas, destacando-se ainda na recitação da poesia «A bandeira» e na valsa «As flores» respectivamente as alunas D. Maria Madalena de Castro e D. Margarida J. de Freitas. As sr.ªs D. Zulmira Machado e D. Rogelia Luzcio tambem recitaram com muito sentimento as poesias «Mundo Livre» e «Pobre tística», de Antonio Nobre.

Merecem ainda especial referência a sr.ª D. Lucilia Mascarenhas, pela execução do canto de M. Bonança «Ao longe», o belo discurso do aluno Manuel D. Rosa, e o canto infantil «Os Moinhos», Repiu-piu—executado pelos alunos da Escola Anexa.

Este ultimo numero foi delirantemente ovacionado, tal a força suggestiva do lindo trecho musical do nosso illustre amigo e distinto maestro sr. Tomaz Borba e a sua magnifica execução pelos alunos da Escola Anexa.

Terminada a sessão, o sr. Aragão agra-

A Elegante

RODOLFO SILVA

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero tailleur, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doublés-Faes, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

deceu aos alunos e a assistencia o valioso concurso prestado para o que tão simpatica festa revestisse tão grande luzimento.

A comissão promotora do festival que se tornou digna de especial louvor era constituída pelas sr.ªs D. Judith Duque, D. Maria da Conceição Coelho, D. Beatriz Guerreiro, D. Zulmira Medina, D. Lucilia Mascarenhas e pelos srs. Virgilio Cabrita, Mario Aguedo e José Ferradeira, tendo como agregados os srs. Antonio dos Reis Perjanas, João Basilio Neto Corrêa e Manuel D. Rosa.

As salas da Escola Normal estavam vistosamente engalanadas, com muitos quadros e bandeiras nacionaes.

Pouco antes de principiar a sessão, os alunos inauguraram o retrato do digno director da Escola, sr. João Rodrigues Aragão, que para o effeito haviam colocado no logar de honra, envolto em uma bandeira nacional.

Esta surpresa, comprovativa da estima que os seus alunos votam ao sr. Aragão, impressionou vivamente este sr. que muito comovedo agradeceu a homenagem.

NOTICIARIO

Como reconhecimento dos importantes serviços prestados pelo nosso illustre amigo, sr. dr. Carlos Fuzeta, na reunião que ha tempo se realizou em Madrid, entre os representantes dos armadores portuguezes e espanhóes, a fim de se organizar o tratado da pesca, reunião em que o sr. dr. Fuzeta defendeu patrioticamente os interesses nacionaes,—vae ser-lhe oferecido um banquete de 100 talheres pelos seus amigos estando marcado o dia 29 para tão simpatica festa.

O importante industrial sr. João Antonio Judice Fialho, requerer do Conselho Superior de Obras Publicas, para lhe ser afurado, pelo periodo de 5 anos, um areal na praia de S. Roque, concelho de Lagos.

Fez exame de obstetricia, ficando aprovado com distincção, 16 valores, o aluno da Faculdade de Medicina, nosso presado amigo sr. Antonio Francisco de Paula Mendouça.

As nossas felicitações.

Vimos em Faro, ha dias, o sr. José

REMEDIO FRANCÉS XAROPE FAMEL CURA AS TOSSES FRASCO I ESCUDO Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. BELLIANT, 18, rua dos Sapateiros, LISBOA. Preço do frasco 2\$200.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, domingo, 5.—D. Maria da Silva Costa, D. Alexandra Bota, D. Emilia do Sousa Ferrinho, José Joaquim Brax e Antonio de Carmo Feresadas.

Segunda feira, 6.—D. Maria Eugenia Guerreiro, D. Francisca de Carmo Tavares, D. Maria Augusta Loal, Manuel José das Doras, Alfredo Mendes da Silva e João Lopes Utiia.

Tercera feira, 7.—D. Maria Carolina de Assunção Alves, D. Josefina Pereira de Costa, D. Maria Emilia Rufes, Alfredo Augusto Gonçalves e Antonio Pedro Ferreira.

Quarta feira, 8.—D. Maria Elvira Pereira, D. Maria da Conceição Alves, D. Estevina do Carmo Pontes, João Carlos Teixeira e Joaquim de Sousa Lima.

Quinta feira, 9.—D. Maria Abnerinda Feijão, D. Sabina dos Santos Ferreira, D. Ana Vas Yarela, Antonio de Carmo Alves e João dos Santos Pires Viçças.

Sexta feira, 10.—D. Luiza Martina Curial, D. Lucinda de Castro Alves, dr. Agostinho Lucio, José de Manlonga Gasilva e Julio Vicente.

Sabado, 11.—D. Maria de Conceição Avelar, D. Maria Luiza Mendes, Francisco Felisberto Ferreira e Antonio Lopes Ferreira.

Passou no dia 28 de mez findo o anniversario natalicio da sr.ª D. Maria do Carmo Paulo, genil filha do sr. Domingos Maria Paulo, conceituado industrial de Olhão e o 29 do D. Rosa Forja.

Tambem passou no dia 2 do corrente, o anniversario natalicio da sr.ª D. Gertrudes de Brito Falarido e Costa.

Em 4, o anniversario natalicio do sr. Luiz Antonio Viçças.

Casamentos:

No dia 27 de Novembro proximo passado realizou-se no Conservatorio de Registo Civil de Faro, o casamento de sr.ª D. Maria de Conceição com o sr. Manuel Guerreiro da Costa. Testemunharam o acto o sr. Pedro Climaco d'Alcanizara e Vasconcellos, dignissimo regente agricola e sua esposa D. Rosa de Vasconcellos.

Realizou-se em Estar no dia 27 de mez findo, o casamento da sr.ª D. Virginia Rodrigues com o sr. Francisco Lima.

Testemunharam o acto os srs. Antonio Gravito Martins e sua esposa, sr.ª D. Virginia Augusta da Conceição Marilés, de Faro, e Francisco Mendes Lima, proprietario a primo do novo.

Na mesma localidade, e no mesmo dia, tambem se consorciaram a sr.ª D. Maria de Rosario Nascimento, com o sr. José Amaro.

Foram padrinhos os srs. José Pereira Goge e Manuel Marques.

Além distes houve em Estar mais os seguintes casamentos: 1.º da sr.ª D. Maria Gago, daquelle freguesia, com o sr. José Loal, da Conceição de Faro, testemunhando o acto os sr.ªs D. Catalina do Rosario e D. Custodia Neto e os srs. Antonio Buela e José Loal.

O da sr.ª D. Ernestina Maria Alves com o sr. Manuel de Sousa Matias, servindo de testemunhas as sr.ªs D. Maria das Angustinas Gomes Garcia e D. Isolina Gabriela Inestrosa Cartaxo e os srs. Luiz de Sousa Matias, irmão do noivo e José de Mendonça Gizaiba.

As nossas cordes felicitações a todos os noivos.

Nascimentos:

Foi registada no posto civil de Estar, no dia 28 e filhã do nosso amigo sr. Miguel Martine e de sua esposa, D. Maria do Rosario, que recebeu o nome da sua mãe. Testemunharam o acto o sr. D. Maria de Jesus e o sr. Luiz Soares Parente.

Doações:

Encomendaram doentes as senhoras: D. Isabel Santana, D. Hermínia Feresada, D. Carlota do Almeida, D. Adelaide Silva, proprietária do Hotel Laubiano e D. Maria da Conceição Lopes Méndes, de Olhão.

E as senhores: José Teodoro de Almeida Coelho Junior, Joaquim Maria de Castro, Samuel Amram, e nosso presado correligionario sr. Manuel Caia e o sr. João Meilho, de Olhão.

Experimentaram melhoraes as sr.ªs: D. Maria Chaves, e esposa do sr. Mario Goepalves e o irmão do sr. José Feliciano Trigueira.

E as senhores: Dr. João Barbosa, Juse Galla e João Bello.

Necrologia:

Faleceram em Albufeira:

A sr.ª D. Rita Pares Aguas, filha do sr. Fernando Pares e esposa de sr. Antonio Agua. Coitava 22 anos e cessara ha tres annos opanes. Andava no seu estado interessante e falleceu devido a uma pancada no ventre.

Em Tavira, a sr.ª D. Emilia Martins, do 67 anos, irmã do sr. João Antonio Martins.

Ao familias celotadas os nossos sentidos pesames.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos realizados do 28 de Novembro a 4 do corrente.

Nascimentos..... 16

Casamentos..... 3

Obitos..... 7

CANCIONEIRO DO POVO

Ainda depois de enterrado Debaixo do frio chão, Verás teu nome gravado Dentro do meu coração!

Quando o mundo se acabar E não houver mais ninguém, Vai á minha sepultura Que ainda te quero bem.

Amei-te emquanto me amaste, Quiz-te enquanto me quizeste, Tu me deixaste, eu deixei-te, Fiz o que tu me fizeste!

Bernardo d'Aragão Teixeira, dig.º Contador em Loulé.

Vieram, a semana passada, a esta cidade, a fim de conferenciarem com s. ex.ª o governador Civil sobre interesses dos concelhos, que tão dignamente administram, os srs. Antonio de Sousa Faisca e dr. José Francisco Coelho, illustres administradores de Albufeira e Lagos.

Pelo Ministerio do Fomento foram dadas ordens ás estações dos Caminhos de Ferro do Algarve para não serem despachados quaesquer generos alimenticios, sem que sejam apresentadas guias de transito passadas nas respectivas administrações de concelho.

Estiveram em Faro os nossos presados amigos e correligionarios drs. Luiz de Sousa Faisca e João Brito Farrajota, acompanhados de suas familias.

Tambem vimos nesta cidade, na passada segunda-feira, os srs. dr. Mariano da Costa Ascenção e seu irmão José da Costa Ascenção, nossos dedicados correligionarios, de Loulé.

Estão de ba muito quasi intransitaveis as ruas da Misericordia, Belmarço e S. Francisco, desta cidade.

Como se trata de ruas de grande concorrencia, não hesitamos em solicitar para o assunto a atenção da digna Camara Municipal.

Estiveram ontem em Faro os nossos dedicados correligionarios de Lagos, sr. Luiz Marques e Joaquim Eugenio.

Pediui a demissão de administrador do concelho de Lagos, o nosso presado amigo sr. Cardoso Ferreira.

Foi publicado um decreto fixando o quadro dos empregados da misericordia de Silves.

Foi a Lisboa na terça feira, com pouca demora, o nosso correligionario sr. Eduardo de Paula Vanez.

Da Horta, Açores, foi transferido para Alcoutim o fiscal dos Impostos, sr. João do Carmo Pontes Silva.

CONCURSO

A Comissão Executiva da Camara Municipal do Concelho de Vila Nova de Portimão:

Abre concurso para o provimento interino, com posse imediata durante o tempo de sessenta dias, do logar de professora da escola mixta dos Montes de Alvôr deste concelho.

Os concorrentes deverão reunir os requisitos indispensaveis para o desempenho legal daquelle cargo e os seus requerimentos serão recebidos na Secretaria desta referida Camara Municipal até ao dia 6 do proximo futuro mez de Dezembro.

Portimão, 29 de Novembro de 1915.

O Presidente da Comissão Executiva,

(a) Francisco José Guerreiro Junior.

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

GRANDE LOTERIA DO NATAL

EXTRACÇÃO A 23 DE DEZEMBRO DE 1915

Premios: 1 de 240.000\$000, 1 30.000\$000, 1 10.000\$000

PREÇO DOS BILHETES 100\$00

E QUADRAGESIMOS A 2\$50

PEDIDOS AO TESOUREIRO DA MISERICORDIA

As importancias a remeter devem ser em notas, vales, cheques, ordens postaes ou valores de facil cobrança.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros abona-se a comissão de 3%.

ENVIAM-SE LISTAS A TODOS OS COMPRADORES

EDITAL

Filipe Cesar Augusto Baião, vice-Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Faro:

Faz saber que na secretaria da Camara na rua do Municipio, se acha patente por espaço de 15 dias a contar de 27 do corrente mez até ao dia 12 do proximo mez de Dezembro, o lançamento do imposto direto municipal, sobre os vencimentos dos funcionarios publicos e decima de jurós, para o ano de 1915, podendo durante o referido prazo serem apresentadas á Camara as reclamações contra o mencionado lançamento as quaes podem ter por objecto:

- 1.º—Erro da designação da pessoa ou da morada; 2.º—Inexactidão na designação ou individua inclusão ou exclusão das bases para o calculo da percentagem; 3.º—Erro na percentagem ou no calculo da importancia da coleta; 4.º—Individa inclusão de pessoa. As aludidas reclamações serão decididas de 13 a 18 do proximo mez de Dezembro e os recursos contra a decisão das reclamações serão interpostas no prazo de 5 dias, a contar de 1.º a 24 do mesmo mez.

Faro, 27 de Novembro de 1915.

O Vice-Presidente,

(a) Filipe Cesar Augusto Baião.

